

A ENCHENTE

Conto de Horácio Dias

Horácio Dias



"Enchente nem Deus pode derrubar o edifício de Chafic",
Diziam. Mas a enchente chegou. A notícia logo correu e fizemos
romaria para ver o movimento.

Ouvira falar de Veneza. Quando cheguei e vi pontes
submersas, botes navegando sobre as ruas, pensei Veneza assim,
como o centro agora. O pessoal da beirada do rio fugiu todo pa-
ra os altos. A maioria se abrigou na Matriz. O velho Juca, rindo,
repetia sempre: "Deus tarda, mas não falha", enquanto baixe-
las de alumínio deslizavam rio abaixo.

Confusão divertida. Como guerra, devia ser. Uma porção
de coisas engraçadas acontecendo no meio da desgraça. Dentro de
uma bacia uma boneca navegava. E, num barco vinhos, em primeira,
o famoso Fabião.

Todos sabíamos que Fabião era louco. A família, por
vergonha, não o mandava para o hospício. Ficava trancafiado em
casa. A gente só ouvia dizer que ele era assim, era assado, fa-
zia e acontecia. Mas, de ver, nada sabíamos. Fabião era mesmo
cabeludo, barba e cabelo enormemaranhado, como profeta. De pé,
no barco, bengala na mão apontava para o alto e para a gente
vociferando. "É chegado o dia do juízo. Não seguiram meu con-
selho. Não quiseram comer merda em penitência, agora morram to-
dos afogados! Eu avisei. Mas, só eu tenho comida merda. Então vão
todos para a puta que os pariu, que é a ordem de Deus!"

Na hora não dava para rir. Fabião falava sério demais
e também ameaçava. Só depois a gente quis achar graça. Já não
achou. Ninguém ri de penação.

Diziam que Fabião ficara assim de tanto ler a Bíblia.
Lembrei-me de um sonho que tive sobre o dia do juízo com o "se-
frimento e ranger de dentes" que o Padre Honório pregara. Imagi-
nar esse "ranger" de dentes só, já é mistério para deixar qual-
quer um louco.

A enchente foi o único assunto, por tempos. De como a água subiu e demorou a baixar, dos danos às propriedades, das mortes de animais, de gente. Do edifício que se desmoronou.

Depois a vida voltou ao normal. Em nossas caminhadas de meninos, para armar arapucas e caçar sanhaços, nos esquecíamos do aguaceiro que houve. Em conjunto, na estrada, sob o ditado que "quando um brasileiro mijá, todos mijam", fazíamos concurso para ver quem o lançava mais alto, mais longe, ou formava maior peça.

À noite, um que outro barulho de mate. Então, vinham as estórias de almas, de lobisomem. Casos de Filogenio e seus encontros com o saci. E outros: de casas mal-assombradas, e de gente que tudo possuía por ter vendido ao diabo a sua alma.

Era assim até a hora de dormir, quando só depois de muito "Pai Nosso" e "Ave Maria" é que se conseguia ~~causar~~.

No dia seguinte tudo era esquecido. Começávamos tudo de novo. Só que, para mim, agora as coisas estavam para mudar.

Chegara a minha vez de ir, como o mano Jorge, para o internato. Gostava de ir pelo que o Jorge me contava das saídas. O resto muito não me entusiasmava.

Nessa mãe começou a preparar o enxoval. Doze lençóis, doze fronhas, doze toalhas - tudo com iniciais bordadas. Até nos canos das meias. Que nem marcação de gado.

Ao embarque foram todos. Menos mãe. Chorou em casa. Depois, não podia chegar perto de trem. Sentia enjôo só com o cheiro da fumaça.

Dada a partida nesse pai nos abençoou, dizendo ao Jorge que cuidasse de mim. Com dezoito anos, se achava muito homem. Daí, de vez em quando, nossas brigas. As únicas diferenças que

H

A ENCHENTE

- 3 -

eu podia ver eram um pouco mais de escola, alguns centímetros a mais em altura e mais pelo no corpo. Lá em baixo, igual. Medimos com régua. Besteira de Jorge agora querer ficar de muito homem para o meu lado. Saber coisas da cidade, isto ele podia saber. Nisto eu tinha de confiar. Mas o resto? O resto era vadiagem que todo menino homem aprende aos poucos sem muito precisar de guia.

O trem não tinha o chiado dos carros de boi, mas rangia alto quando parava, aos solavancos, nas estações. Aí a molecada avançava porta a dentro, vendendo mexericas, breas de fubá, pastéis de carne, cuscus, e muita outra coisa que eu soubesse se comprava. Coisas que a gente dava para qualquer um que quisesse, na roça. Ademais, nessa mãe tinha feito matula: frango frito, farefa, biscoitos de araruta e doce de leite.

Comecei a explorar o trem. Viajar, ver tudinho por dentro mesmo - até privada e pia - era em primeiro. Jorge me levou ao restaurante, onde o pessoal comia bife com arroz, batatas fritas, e bebia cerveja. Alguns jogavam baralho. Jorge pediu cerveja e dois copos. Acendeu um cigarro e me ofereceu um também. Ele sabia que baforadas eu já estava acostumado a dar, então gostei de ver o Jorge me tratando assim, de igual, porque no início, muito metido a besta junto no pai, achei que ele ia querer me passar para trás.

A cerveja me deu vontade de mijar. Achei engraçado ver a terra 'correndo' rápida, ao olhar o buraco por onde caía a cerveja bebida. Depois, de tontura, olhei para cima. A parede estava cheia de desenhos e palavrões.

Voltei ao banco de palhinha. Àquelas horas, na fazenda, estariam preparando lavagem no tacho. Eu, perdendo boa estória. Teria muitas para contar quando voltasse.

De tanto dar adeus às crianças à beira da estrada, de

11

A ENCHENTE

tanto correr terra e ver tudo desaparecer, de tanto esperar pelo que esperava, cochilei. Dormi.

Acordei com o sacudido do trem. Jorge já tinha posto nessas malas no corredor e de pé, me encatando, falou: "Vitória, meço. Anda logo, que é pra gente pegar lugar no bote. O negócio agora é foda."

O trem estacara. O pessoal se aglomerava para sair. Todo mundo correndo pra lá e pra cá, malas, mebrulhos, nas mãos. Homens com numeradas plaquetas de metal presas ao bolso da camisa cinza, gritavam: "Dá a mala patrão." Jorge dizia que não. Nós mesmos cagregávamos.

Molecotes urgiam: "Pensão! Pensão barata em Argolas!" Outros, capciosos: "Lotação para a cidade. Só mais dois pra completar!" Jorge me explicou que eram carros, táxis. Nós atravessaríamos de bote. O colégio ficava logo perto. Dinheiro para o táxi, que o pai dera, e para o carregador, economizávamos. Mais para gastar, nas saídas.

Via que Jorge era irmão de confiar. Não ia querer me explorar, nem fazer pouco. Direito começava a me ensinar. Gostava dessas idéias. Saída sem dinheiro, é melhor nem. Agora, até mexerica é na base do dinheiro.

-* -
Horacio

